

Extraído das páginas 39 e 40 de Recordações da Mediunidade.

Entrementes, não apenas o citado fenômeno se verificou durante o meu estado acima citado.

Vi-me outrossim perseguida e aprisionada por falange maléfica de obsessores, encerrada em cavernas absurdas, que se me afiguravam crateras de vulcões extintos, abismos ocultos aos olhos humanos. Ali, seres negros, disformes e hediondos me supliciavam com torturas inconcebíveis, asseverando, todavia, que suspenderiam os suplícios se me aliasse de boamente ao seu bando. Tais seres — eu o sabia — eram Espíritos de antigos inquisidores e seus carrascos, que levaram para a vida espiritual as trevas em que se envolveram durante a tragédia que alimentaram durante a encarnação, e que assim permaneciam, endurecidos, sem forças para enfrentar a epopeia da regeneração pessoal e temendo a presença da Verdade nas trevas da própria consciência.

Aquele local seria, por assim dizer, “O Vale dos Suicidas”, descrito no volume MEMÓRIAS DE UM SUICIDA , que tão conhecido é da minha consciência, estado alucinatório obsessivo comum aos suicidas que carregam agravos de erros nos refolhos do Espírito. Ora, o certo é que, durante minha primeira infância, eu despertava, altas horas da noite, em gritos alucinantes, dizendo que negros mascarados de dominós me retalhavam o corpo e queimavam os pés com ferros quentes ou fogo vivo. Eram, certamente, brados da subconsciência ecoando durante o sono e aflorando às recordações através do sonho ou por predisposições particulares das minhas faculdades ou necessidades psíquicas, o mesmo tipo de fenômeno, talvez, que se apresentava agora, no estado provocado pelo traumatismo.

Vime, porém, salva daqueles obsessores por outros grupos de trabalhadores do bem, que, orientados por individualidades espirituais certamente esclarecidas, como que me raptaram da dita caverna com o auxílio de certo elemento que se me afigurava corda, e me entregaram àqueles salvadores.

Não foi possível deter maiores detalhes desse episódio pavoroso da minha vida espiritual.

Recebidos das revelações obtidas de mim própria e não de outrem, como lição estimulante para me recuperar do desânimo e prosseguir na luta reabilitadora, pois se, com efeito, eu tanto errara no passado seria necessário que no presente me submetesse às consequências das infrações cometidas. Aliás, todas essas recordações seriam motivo de instrução, revelações também para o próximo, como os códigos doutrinários espíritas esclarecem. Nesse estado, convivi também com os Espíritos de minha mãe, falecida três anos antes, e de minha avó materna. Entretanto não me lembro de ter sequer entrevisto meu pai e minha avó paterna, que tanto me amara e que fora como que o anjo guardião terreno suavizando os infortúnios da minha infância.